

O ENUNCIADO NA CONSTRUÇÃO DE UM IDEAL SEPARATISTA: UMA ANÁLISE ARQUEGENEALÓGICA DO MOVIMENTO “O SUL É MEU PAÍS”

Nathan Bastos de Souza¹

Anísio Batista Pereira²

Éderson Luís Silveira³

Resumo

O objetivo deste estudo é refletir sobre o discurso produzido pelo movimento “O sul é meu país” em alguns enunciados veiculados pelas páginas do *facebook* “Movimento o Sul é Meu País”, “Nação Sulista” e “IDEAL Sulista” e no site oficial do movimento. Utilizamos como ferramenta teórico-metodológica algumas reflexões de Michel Foucault, especialmente os conceitos de enunciado e arquivo, discurso e formação discursiva. No que concerne ao *corpus*, o recorte é composto por cinco imagens veiculadas nos canais acima mencionados. Os resultados que obtivemos apontam para a construção de um “ideal sulista” que se manifesta na materialidade linguística do enunciado, em que a palavra “Sul” está sempre em posição de destaque, a partir de uma existência marcada pela regularidade, cuja formação discursiva aponta para uma separação cultural regional entre o sul e o restante do país, a partir das materialidades analisadas.

Palavras chave: Análise do discurso; Análise arqueológica; Separatismo.

THE STATEMENT ON CONSTRUCTION OF A SEPARATIST IDEAL: A ARQUEGENEALÓGICA ANALYSIS OF THE MOVEMENT “THE SOUTH IS MY COUNTRY”

Abstract:

The objective of this study is to analyze the discourse produced by the movement “*O sul é meu país*” in some statements transmitted by the pages of facebook “*Movimento o Sul é Meu País*”, “*Nação Sulista*” and “*IDEAL Sulista*”. We use as a theoretical any reflections of M. Foucault, especially the concepts of archival, discourse and discursive formation. The clipping we did analyzed five images served on the channels mentioned above. The results we have obtained point to the construction of a “southern ideal” that is manifested in linguistic materiality by the syntax, in which the word “Sul” is always in a prominent position, from an existence marked by regularity, which discursive formation points to a regional cultural separation between the South and the rest of the country, from the analyzed material elements characteristic.

Keywords: Discourse analysis; Archaeological analysis; Separatism.

1 Doutorando em Linguística (UFSCAR). E-mail nathanbastos60@gmail.com.

2 Doutorando em Estudos Linguísticos (UFU. Uberlândia). E-mail: anisiopereira2008@hotmail.com.

3 Doutorando em Estudos Linguísticos (UFSC). E-mail: ediliteratus@gmail.com

Introdução

Os movimentos separatistas marcaram a história do Brasil e ainda continuam produzindo ecos no presente. Para se ter ideia, tais iniciativas podem ser encontradas em momentos históricos distintos em todo o país. Martins (2017) menciona a existência de movimentos deste teor no Sul, no Norte, no Nordeste, no Sudeste e até mesmo em Brasília. Xavier (2018) menciona que atualmente existem 27 grupos separatistas em terras tupiniquins: O Sul é meu país; São Paulo Livre; Movimento República de São Paulo; Movimento Separatista Candango (Distrito Federal); Movimento Nordeste Independente; Movimento Amazônia Independente (Região Norte); O Espírito Santo é meu país; Movimento São Paulo Independente; O Rio é meu país (Rio de Janeiro); Frente Libertária Nordeste Livre; Nação Sulista; Movimento pela Independência do Pampa; São Paulo para os paulistas; Movimento MS Independente (Mato Grosso do Sul); República Federativa da Bahia; República de Goiás; Mato Grosso é meu país; Movimento São Paulo Livre; Frente Libertária Nordeste Independente; Grupo de Estudo e Avaliação de Pernambuco Independente; Movimento Ceará é meu país; Movimento Minas Gerais Liberta; Movimento Brasília Independente; Brasília é meu país; Movimento Roraima Independente; Movimento Nordeste é minha nação; Movimento Separatista do Mato Grosso.

Vale destacar que na capital nacional, por exemplo, foi lançado um movimento recentemente que buscava livrar Brasília da corrupção de outros estados (sic). Neste contexto, cabe destacar que no sul do país houve uma série de tentativas de emancipação política (que se travestia de interesses econômicos), algumas se apresentaram como sendo marcadas pelo discurso da resistência, outros pelo discurso da separação regional. De todos os

movimentos separatistas o mais conhecido é O Sul é meu país. Daí a escolha do corpus do presente trabalho, que será explicitado a seguir.

Mais recentemente, ao longo do ano 2016 tal movimento com ideais separatistas teve um de seus momentos de emergência. Não por acaso no momento em que se passava por uma conjuntura política bastante delicada: o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, que ocorreu em meio aos escândalos das delações premiadas de diferentes empreiteiros e a mídia lançando luzes sobre uma determinada direção, deixando à sombra (e silenciando sobre) os políticos de outra determinada posição, culminando na tomada do governo por Michel Temer, que atende a interesses de grupos específicos que se antepuseram ao governo petista na ocasião.

Além desse acontecimento, outro ainda, oriundo do exterior, inflamou as expectativas de grupos separatistas no resto do mundo: a população do Reino Unido (Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte) decidiu no dia 23 de junho de 2016 deixar de fazer parte do bloco da União Europeia. Na ocasião, emergiram expressões inspiradas no Brexit (Britain = Grã Bretanha e Exit = saída) como o Sampadeus e o Nordexit. No Brasil, o mais conhecido, conforme mencionado anteriormente, é o Movimento O Sul é meu País, que teve início pós-constituição de 1988, mais precisamente no ano de 1990. No cenário atual, no ano de 2016 a meta era atingir um milhão de pessoas com um plebiscito, o equivalente a **5% dos eleitores** da região sul, o total de votantes foi de 616.917 pessoas, no entanto. Atualmente, a região sul conta com 27,38 milhões de habitantes.

Nesse delicado cenário é que os sulistas apoiadores haviam lançado à opinião pública um plebiscito informal com vistas a consultar a possibilidade de apoio popular em uma “libertação” dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul do Brasil. Tal busca por

separação promoveu a circulação de enunciados, a produção de sentidos e inscrições históricas, social e culturalmente específicas.

Assim, o objetivo deste texto é analisar o discurso produzido por esse movimento em alguns enunciados veiculados nas páginas do *facebook* “Movimento o Sul é o Meu País”¹, “Nação sulista”² e “IDEAL sulista”³, e no site oficial⁴. Para tanto, partimos nas noções teóricas advindas do pensamento de Michel Foucault, especialmente as noções de arquivo, discurso e formação discursiva. Por meio de um recorte constituído por cinco imagens veiculadas pelas páginas citadas, percebemos que há uma construção do “ideal separatista” do movimento nos enunciados, na qual a palavra “SUL” apresenta a regularidade de estar sempre ocupando posição de destaque. Pensando no desenvolvimento dessa problemática, o artigo está dividido da seguinte maneira: primeiramente, uma breve abordagem do suporte teórico-metodológico foucaultiano; em seguida, as análises do *corpus* relacionado ao movimento sulista, delineando as discussões para as considerações finais.

Análise arqueológica, enunciado, arquivo e discurso

Pensando na dimensão de que nossa metodologia se fundamenta na análise de enunciados sob a perspectiva foucaultiana é válido considerar tal conceito para avançarmos nessa teoria, tomando-o como ponto de partida. Para tanto, sublinha-se que o filósofo francês toma o enunciado como unidade discursiva, no contexto de sua emergência.

Para efeito de análise retomamos à natureza do enunciado que vai para além da materialidade linguística propriamente dita e se estende para

outros aspectos que o caracterizam e o faz emergir, bem como atribui-lhe sentido que está ligado ao conceito de discurso. Nessa perspectiva, dada a complicação que tal elemento implica, seu conceito é elaborado a partir do que Foucault (2008) denomina de “função enunciativa”, que julgamos relevante não apenas para a compreensão conceitual em si, mas para análises desse elemento considerado singular na esfera discursiva.

Isto posto, partimos para a problemática da função enunciativa como conceito que possibilita uma análise mais precisa do *corpus*, no contexto de sua produção. Assim entendido, para Foucault (2008), enunciado é algo efetivamente produzido, em que apresenta determinados elementos que o caracterizam, tais como uma data, um suporte material, uma materialidade repetível, um suporte institucional, um campo associado e uma posição de sujeito. Quanto à data de produção, entendemos que seja um fator relevante, pois o contexto histórico define qual enunciado/discurso pode e deve ser produzido e não outro em seu lugar; em relação à materialidade repetível, vale destacar que o enunciado é passível de repetição, porém a enunciação nunca se repete, pois o momento histórico atribui a ele sentido diferente do anterior, desestabiliza-o. O fator institucional influencia no sentido enunciativo, atribuindo-lhe um caráter de verdade, como produção oficial que chega até os sujeitos. No que concerne ao campo associado, trata-se de uma espécie de memória (embora o conceito não seja discutido por Foucault), em que o enunciado recupera outros já produzidos. E a posição de sujeito que também é um elemento considerável no enunciado, pois materializa um posicionamento sobre determinado objeto, que revela uma subjetividade, tendo em vista que se trata de um sujeito que se constitui pelas relações

de saber e de poder, historicamente e de forma descontínua.

A problemática do enunciado implica, ainda, outro conceito que o referido filósofo traz para suas abordagens, a noção de arquivo. Enunciação se refere ao momento de produção enunciativa e arquivo é uma espécie de busca, retorno de enunciados anteriores com os quais o atual vigente se relaciona, influenciando-o no seu sentido. Esse arquivo seria, assim, o conjunto de todos os enunciados/discursos produzidos em determinada época, historicamente marcados, tendo em vista as condições de possibilidade que os sustentam.

Mesmo sabendo que o discurso separatista dos sulistas se insere em uma história (contínua) do já dito – concebido, com Foucault (2008, p. 91), como “um ‘jamais-dito’, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro” – a busca que fazemos aqui é de “restituir ao enunciado a sua singularidade de acontecimento” (FOUCAULT, 2005, p. 93), o que significa, em outras palavras, que é tratado como “irrupção histórica” (idem), na qual, para Foucault (2005, p. 93) “o que se tenta observar é essa incisão que o constitui, essa irreduzível [...] emergência”. De modo que é preciso perceber a história na descontinuidade, na qual se transforma obstáculo em prática, em que o descontínuo não é mais “fatalidade exterior que é preciso reduzir, e sim o de um conceito operatório que se utiliza” [...] “não é mais o negativo da leitura histórica (seu avesso, seu fracasso, o limite de seu poder), mas o elemento positivo que determina seu objeto e valida sua análise” (FOUCAULT, 2008, p. 10).

Em “Arqueologia do saber”, Foucault (2008) define, de início, o arquivo como:

[...] a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. [...] O arquivo não é o que protege, apesar de sua fuga imediata, o acontecimento do enunciado e conserva,

para as memórias futuras, seu estado civil de foragido; é o que, na própria raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, o sistema de sua enunciabilidade. (FOUCAULT, 2008, p.147)

Mais adiante, no mesmo livro, o autor reformula o conceito da seguinte maneira: “É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados” (FOUCAULT, 2008, p.148). Em outro momento, Foucault (2005) afirma que quando trata de arquivo não se refere à totalidade dos textos de uma civilização, nem aos traços conservados ou salvos de seu desastre, mas “ao jogo de regras que [...] determinam o aparecimento e o desaparecimento de enunciados, sua permanência e seu apagamento” (FOUCAULT, 2005, p. 95).

Essa abordagem sobre a existência do enunciado denuncia seu caráter descontínuo, assim como a história que, para o referido filósofo, funciona em um movimento que não segue uma continuidade, uma linearidade. É a denominada dispersão dos enunciados, tendo em vista essa descontinuidade que a caracteriza, a não fixação ao longo da história, assim como o sujeito que está sempre em processo de formação, na e pela história. Essa dispersão enunciativa foucaultiana atribui ao enunciado esse caráter de produção e apagamento, podendo ser produzidos outros enunciados a partir dele, como também ser reativado a depender das condições para tal acontecimento. “Todo discurso constitui-se da dispersão de acontecimentos e discursos outros, que se transformam e modificam-se” (FERNANDES, 2012, p. 23).

Considerando o arquivo e a descontinuidade, Foucault (2005) caracteriza o trabalho realizado com o discurso do seguinte modo:

Analisar os fatos do discurso no elemento geral de arquivo é considerá-los não absolutamente como *documentos* (de uma significação escondida ou de uma regra de construção), mas como *monumentos*: é – fora de qualquer metáfora geológica, sem nenhum

assinalamento de origem, sem o menor gesto na direção do começo de uma *arché* – fazer o que poderíamos chamar, conforme os direitos lúdicos da etimologia, de alguma coisa como uma *arqueologia*. (FOUCAULT, 2005, p. 95).

De acordo com essa concepção de discurso, a análise arqueológica parte dos enunciados constituintes de um arquivo. Para lidar com as regularidades no arquivo, Foucault (2005, p. 106) defende que quando for possível observar e descrever “um referencial, um tipo de defasagem enunciativa, uma rede teórica, um campo de possibilidades estratégicas” há aí uma formação discursiva. Esse conceito é relevante para a compreensão da noção de discurso sob a ótica do teórico abordado, tendo em vista que discurso, para este, é um conjunto de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva. Em outro momento, Foucault (2008) explica:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade” (FOUCAULT, 2008, p. 43).

Ligada ao tema das formações discursivas está a questão da positividade. Para o autor, “a positividade de um discurso [...] caracteriza-lhe a unidade através do tempo e muito além das obras individuais, dos livros e dos textos” (FOUCAULT, 2008, p. 143). Sargentini (2006, p. 38), por seu turno, explica que o conceito foucaultiano de positividade permite “recuperar a articulação existente entre a massa de textos, nos quais é possível verificar regularidades que emergem da dispersão de enunciados”.

De acordo com essas premissas, o estudo do discurso - como “objeto de desejo” [...] “aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos

queremos apoderar” (FOUCAULT, 2014, p.10) - analisando a materialidade repetível do enunciado, suas regularidades discursivas, deve tratá-lo no sentido de sua espessura, “sem transformá-lo em signo de outra coisa” (FOUCAULT, 2008, p. 53), mas compreender, pelo contrário, “[...] sua consistência, fazê-lo [o discurso] surgir na complexidade que lhe é própria” (idem).

A unidade com que se preocupa Foucault (2008) para estudar as regularidades do discurso é o enunciado, o qual é entendido, em sua perspectiva, não como o colocar da língua em funcionamento, como proposto na linguística enunciativa, mas percebendo o enunciado como fazendo parte de uma unidade maior, uma série ou um conjunto, em meio a qual cumpre um papel específico, se apoia e se distingue de outros enunciados; não é, assim, livre, neutro e independente; o enunciado “se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja” (FOUCAULT, 2008, p.112).

No contexto das regularidades discursivas, e tomando o enunciado como unidade, cuja produção é marcada pela história, faz sentido destacar as condições históricas de possibilidade como fator norteador da singularidade enunciativa. Trata-se de elementos responsáveis pelo aparecimento de determinado enunciado e não outro em seu lugar (idem), atribuindo-lhe um caráter de singularidade, ainda que o atual retoma enunciados já produzidos, aspecto que lhe é constituinte, pelo campo associativo que recupera ou exclui determinados enunciados. “Há uma formação discursiva individualizada cada vez que podemos definir um jogo parecido de regras” (FOUCAULT, 2010, p. 3).

Tratar o discurso na natureza de sua singularidade é tomá-lo como único, na condição de não repetibilidade, tomando suas condições históricas como elemento que o norteia como

aquilo que comporta sentido particular, na história. Essa condição é abordada por Foucault (2008) e por Pêcheux (1997) como da ordem do acontecimento. Pêcheux (1997) aborda o discurso a partir de um entremeio entre estrutura (materialidade linguística) e acontecimento (fator vinculado à história). Portanto, nessa perspectiva discursiva, esses dois autores estão em consonância pela abordagem sobre a singularidade discursiva, cujo acontecimento pode ser descrito como o encontro entre a memória com a atualidade do enunciado. Nesse contexto, a questão da materialidade diz respeito não apenas à linguagem em si, mas à história, às condições de possibilidade para a existência do discurso e a esse caráter de acontecimento que acaba por fundir linguagem e história (GREGOLIN, 2006).

Pensando nos conceitos, a partir dessas problemáticas que envolvem a concepção arqueológica foucaultiana, seguem as análises do recorte sobre o ideal separatista da região Sul do Brasil. Tais análises partem dessas noções discursivas ligadas à arqueologia, em que procuramos problematizar o aparecimento de tais enunciados a partir de suas condições históricas de possibilidade e o que está em jogo no seu viés constitutivo.

Os enunciados e o ideal separatista do Sul

Primeiramente, ao analisar os discursos veiculados pelas páginas, há uma regularidade que é o próprio logo da campanha (encontrado também no site oficial). A imagem 1 pode ser encontrada em qualquer das páginas (“Movimento o Sul é o Meu País”, “Nação sulista” e “IDEAL sulista”), também no site oficial. Nelas figura o enunciado “O SUL É O MEU PAÍS” dividido pela imagem de uma bandeira, em que se encontram o mapa dos três estados separatistas à direita (com suas

linhas divisórias atuais demarcadas), sob um fundo azul, paralelo à imagem de três estrelas na parte superior esquerda (a imagem das estrelas ativa a memória da unidade dos estados na nação, veja-se o caso da bandeira brasileira, que historicamente foi adicionando estrelas conforme as divisões estaduais aconteciam⁵).



Imagem 1⁶

Outra imagem recorrente nas postagens das diferentes páginas que analisamos, que aparece igualmente no site oficial do movimento, é a imagem 2 (abaixo), a qual é uma propaganda do plebiscito realizado durante 2016. Nela consta a palavra “PLEBISCITO” que se liga a “CONSULTIVO” e “2016”, cada uma delas em uma linha, sendo que a primeira palavra está separada das outras duas pelas imagens símbolo de cada estado: ao centro, em posição mais alta, o pinheiro do Paraná, representando o estado de que é símbolo, sob um patamar de igualdade as imagens de duas estátuas que representam, da esquerda para a direita, Santa Catarina (estátua de Anita Garibaldi⁷) e Rio Grande do Sul (estátua do Laçador⁸).

É interessante perceber que do patamar em que se sustentam as estátuas desce uma pequena bandeira, em que “SUL” se destaca da palavra “CONSULTIVO” em branco vazado na bandeira que é azul como as outras partes do logotipo.

Nesse exemplo se enfatiza o fato de que, embora não seja retomado o enunciado “O SUL É MEU PAÍS”, que é o gerador do movimento, “SUL” fica em destaque. Chamar atenção para “SUL” na bandeira sugere que a consulta propriamente dita, que é o objetivo de qualquer plebiscito, nem seja tão importante quanto destacar o papel de “SUL”. É colocar o “SUL” no centro do marketing. Em outras palavras, ainda que não retome o enunciado “O SUL É MEU PAÍS”, o campo associado o ativa no sentido de que a bandeira destaca “SUL”, propondo o protagonismo que o movimento, nessa região, busca. Três estrelas figuram como fechamento em cada lado, entre a palavra “PLEBISCITO” e a barra de que parte a bandeira.



Imagem 2⁹

No que se refere às páginas do *facebook* que analisamos, a página oficial é “Movimento O Sul é Meu País”; as páginas “Nação Sulista” e “IDEAL Sulista” são páginas satélites, que informam também questões relativas ao movimento, mas que produzem, ao que parece, material à parte da página oficial, ou ao menos em outro regime; são, contudo, similares à oficial em seus projetos, isto é, pertencem à mesma formação discursiva. As duas últimas páginas estão com fotos idênticas de perfil e de capa. Ver imagens a seguir:



Imagem 3¹⁰



Imagem 4¹¹

Nas imagens 3 e 4, quando comparamos a foto de perfil (à esquerda, menor) com a foto de capa (à direita, maior) notamos uma diferença quanto ao discurso veiculado pela página oficial, da qual retiramos o logotipo analisado na imagem 1, em que aparece o mapa com divisões entre os atuais estados brasileiros (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

As páginas “Nação Sulista” e “IDEAL Sulista” já demonstram o mapa da “possível nação” formada pela separação dos estados do Brasil. A foto de perfil de ambas as páginas retoma um campo associado dos movimentos separatistas sulistas, já que apresenta uma bandeira esfarrapada, o que levou no passado à denominação “Guerra dos Farrapos” do movimento insurgente de gaúchos contra a república; o mesmo movimento que, em algum momento, logrou declarar a República Juliana, em Santa Catarina. Dessa maneira, trata-se de um enunciado que evidencia o arquivo pela retomada de outro discurso produzido, mas que seu sentido é trazido para a atualidade, conferindo ao discurso atual a natureza de acontecimento, tomando a teoria de Foucault (2008).

No que tange ao nível verbal, a respeito do enunciado “IDEAL Sulista” chama atenção uso de maiúsculas em “IDEAL”, que produzem o efeito de força desse ideal, fator que sublinha uma posição de sujeito ligado à região brasileira

supracitada, sua formação discursiva vinculada ao movimento. Também, o enunciado “Nossa Nação é o sul!”, que figura ao lado do mapa, dividido entre “Nossa Nação”, em letras bastão, e “É o Sul!”, em letras cursivas terminado com exclamação, causa efeito de pertencimento por iniciar com o pronome possessivo “Nossa”, que implica que é “a nação que pertencemos”. Esse efeito provocado pelo enunciado, com destaque para a materialidade linguística, entra em consonância com a problematização de Pêcheux (1997) no que concerne à estrutura e ao acontecimento do discurso, uma vez que, tanto essa materialidade quanto a história atribuem sentido ao discurso produzido.

Os links abaixo do enunciado ora analisado que indicam a página do *facebook* e do *instagram* seguidos de “curta NAÇÃO SULISTA”, enunciado composto pelo verbo “curtir” no modo imperativo, cujo objeto direto é a própria página, auxiliam nesse efeito de pertencimento (posição de sujeito) que “Nossa” instaura. Em outros termos, é uma obrigação a curtida do visitante virtual da página, já que “nossa” implica o locutor e o interlocutor, para esse caso, isto é, convida o sujeito internauta a aderir ao movimento que ora é inscrito nos enunciados. Considera-se, para os efeitos de análise, que ambas as páginas propõem esse pertencimento à “nação sulista” e ao “ideal sulista” depois da consulta feita em outubro de 2016 a respeito da separação dos três estados. Assim, pelo momento histórico evidenciado, as condições de possibilidade para a emergência de tais enunciados entram em cena, bem como defende Foucault (2008) sobre a noção de singularidade do enunciado. Além disso, a descontinuidade dos discursos (FOUCAULT, 2010) é pautada pelos seus aparecimentos e sua dispersão

na história, tendo em vista que tais enunciados não são contínuos.

Por outro lado, há outra hipótese de leitura que igualmente pode se sustentar se levarmos em conta a formação discursiva a que se filia esse arquivo. Se o enunciado “O SUL É MEU PAÍS” é o gerador desse arquivo de outros enunciados, nessa formação discursiva, o “SUL” é o centro. As hipóteses que permitem essa leitura são: 1 – a regularidade do arquivo, em que os enunciados – aqueles analisados aqui – se organizam pela materialidade linguística “SUL”; 2 – a diferença de forma gráfica entre as partes do enunciado: “Nossa nação”, em letras bastão (menos chamativas) e “é o Sul!”, em cursivas (mais chamativas); 3 – considere-se também que “É o Sul!” se encontra distribuído verticalmente próximo ao centro da imagem (o que é verdadeiro em relação à imagem da foto de capa em si e também em relação à imagem do mapa dos estados). No que concerne à estrutura enunciativa, se partirmos do ponto de vista de que a leitura é vertical – restabelece a regularidade que percebemos: o “SUL” como núcleo que produz o efeito de centralidade do sul, corroborando com a proposta separatista.

Foucault (2008) aborda a noção de descontinuidade discursiva pautando-se na dispersão, tendo em vista a produção, transformação e apagamento dos discursos. Nesse sentido, a página oficial “Movimento o Sul é Meu País”, que em 19 de outubro de 2016 - pouco mais de quinze dias depois da votação do “plebiscito consultivo” realizado em 01 de outubro de 2016 – passou a utilizar como foto de perfil a imagem 1 que analisamos neste estudo. Contudo, a imagem 1 sendo usada como foto de perfil na página oficial denuncia uma dispersão, isto é, uma distância entre

as ideias veiculadas pela página oficial em que o mapa aparece separado, conforme os estados brasileiros atuais, e as outras duas páginas, em que a força do “ideal da nova nação” já apaga os limites interestaduais, formando um território único.

A página oficial do movimento no dia 19 de outubro de 2016 já anunciava a próxima consulta popular, em sua foto de capa, conforme a imagem 5 a seguir:



Imagem 5¹²

A imagem 5 demonstra três quadros justapostos: em um primeiro momento, na esquerda acima, aparece uma fotografia de uma das reuniões do movimento separatista em que aparecem sujeitos de todas as idades, sobretudo brancos, em sua maioria homens, quase todos vestindo camisetas com o logotipo que analisamos na imagem 1. Alguns enrolados em bandeiras azuis com as três estrelas do movimento.

À esquerda abaixo, um quadro azul de tamanho semelhante ao da fotografia, em que o enunciado “Basta de Brasília”, em letras rabiscadas, provoca o sentido de secessão que pode estar aliado a dois projetos: o primeiro deles em que “Brasília”, por ser a capital do Brasil, assume como metonímia o sentido de Brasil, portanto “Basta de Brasil”; no segundo, que se relaciona com o primeiro, “Brasília” significa “corrupção”, tendo em vista o momento histórico-político atual como fundamentação desse sentido, ou “exploração” (leitura que se sustenta em enunciados como: “Sul novamente discriminado na divisão de recursos”¹³ – a divisão que é feita, metonimicamente, por Brasília). Em outros termos, Brasília, que é o atual centro executivo, deve deixar de sê-lo, para

que o “SUL” ocupe o centro, como a análise da formação discursiva vem possibilitando afirmar.

Abaixo do enunciado ora analisado consta o logotipo que analisamos na imagem 1, ao lado do qual aparecem, em três colunas, os seguintes enunciados: “SEJA VOLUNTÁRIO”, “Junte-se à causa sulista” e a informação do site oficial “www.sullivre.org”. Os dois verbos no imperativo – “Seja” e “Junte-se” – convocam o leitor a “ser” voluntário no caso do próximo plebiscito e a “juntar-se” à “causa” dos sulistas. No conjunto, “Basta de Brasília” exige, para acontecer, que o leitor “seja voluntário” e “junte-se à causa”. Nessa direção, ao considerarmos o sujeito como da ordem do discurso, bem como defendido por Foucault (2014), é evidenciado, nesses enunciados, a convocação do leitor para a quebra de uma ordem e a instauração de uma nova, proposta abraçada pela região sul do país. Vale destacar a influência da mídia digital, suporte institucional de divulgação como estratégia para criar um efeito de convencimento e, conseqüentemente, fortalecer o movimento.

Já à direita da imagem 5, ocupando espaço vertical da altura dos dois outros quadros, logotipo semelhante ao que analisamos na imagem 2. As diferenças aqui são pontuais “PLEBISCITO” (da imagem 2) é substituído por “PLEBISUL” (imagem 5). Novamente, como salientamos na análise da imagem 2, a palavra “SUL” deve ser tão central, no conjunto do enunciado que altera, como naquele caso, o sentido da consulta popular, visto que aqui altera o enunciado “PLEBISCITO”, tornando-o não qualquer consulta popular, mas uma “consulta aos sulistas”; no caso da imagem 2, a alteração que “SUL” provoca é em relação ao enunciado “CONSULTIVO”. Logo abaixo das estátuas, na imagem 5, foi substituída a palavra “CONSULTIVO” e o ano “2016” (da imagem 2) que figuram aqui como “CONSULTA POPULAR”

dentro da pequena bandeira e o ano “2017” vem depois e fora do logotipo, em tamanho maior em relação à fonte utilizada nele. Nessa dimensão, estrutura e acontecimento discursivos caminham de mãos dadas, criando efeitos ligados ao momento histórico, político e econômico em que o país atravessa, condições históricas de possibilidade para que tais discursos sejam produzidos, com destaque para o ano de 2016.

A análise da formação discursiva que viemos fazendo localizava a regularidade da palavra “SUL” ocupar o núcleo dos enunciados. Na análise que fizemos da imagem 5 vemos que “SUL” altera os sentidos da língua na própria materialidade, deslocando a leitura de “PLEBISCITO” para “PLEBISUL”, isto é, daquilo que é o mais importante no tocante à consulta da opinião pública, que não é qualquer opinião, mas a dos sulistas, daqueles que se filiam aos ideais separatistas, no momento histórico atual; no caso que recuperamos acima (análise da imagem 2), o sentido de “CONSULTIVO” é alterado devido ao destaque que é dado ao fragmento “SUL”, em meio à palavra, mostrando “SUL” em letras brancas vazadas em uma imagem em que o azul é dominante. Contudo, a alteração provocada pelo enunciado “SUL” se filia à noção de centralidade dos estados separatistas.

Considerações finais

Com este artigo, objetivamos refletir sobre o discurso produzido pelo movimento “O Sul é Meu País” por meio da análise de imagens veiculadas nas páginas do *facebook* “Movimento o Sul é o Meu País”, “Nação sulista” e “IDEAL sulista”, e no site oficial. O arquivo constituído pelas três páginas foi recortado, para fins de análise, em cinco imagens que foram veiculadas durante o ano de 2016 nas páginas

mencionadas. Para tanto, as análises procuraram percorrer o caminho teórico-metodológico abraçado por Michel Foucault, sobretudo pela sua visão arqueológica sobre a produção discursiva na sociedade, tomando o enunciado como elemento relevante nesse processo.

No que concerne às condições históricas de possibilidade para a produção e veiculação de tais discursos ligados ao movimento separatista da região sul, o ano 2016 funciona como divisor de águas para a efetivação de tal processo. Nesse contexto, observa-se no Brasil um momento crítico na política (corrupção, *impeachment* presidencial, prisão de líderes políticos e empreiteiros), na economia e na sociedade como um todo, tendo em vista os serviços públicos. Esses percalços sociais podem ser considerados como elementos relevantes para o aparecimento de tais enunciados veiculados na mídia digital e que convocam o sujeito leitor a aderir ao movimento. Além disso, o arquivo aparece como pano de fundo, discursos produzidos anteriormente que se unem aos atuais, atribuindo-lhes efeitos de sentido consonantes com o momento histórico atual. Além disso, esses encontros entre o passado e o presente conferem aos discursos um caráter de acontecimento, tornando-os singulares na materialidade de seus enunciados.

Percebemos uma regularidade no discurso do movimento que é colocar o “SUL” como centro da enunciação, o que colabora, conforme nossa análise demonstrou, com a construção de um ideal separatista, possibilitando identificar uma posição de sujeitos da região supracitada, ligados por um objetivo comum. Em outros termos, nossa análise arqueológica buscou mostrar como essa regularidade que encontramos – “SUL” ocupando a posição de núcleo desses enunciados – auxilia na fixação dos valores e ideais do movimento sulista,

pela formação discursiva vigente. Desse modo, a análise do discurso do movimento “O Sul é Meu País”, através do recorte no arquivo que realizamos, nas cinco imagens objeto de estudo, apresenta essa regularidade de o “SUL” ocupar a centralidade enunciativa, apoiando a construção de um ideal separatista, a partir de suas condições históricas de possibilidade.

Referências

- FERNANDES, Cleudemar. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. *A ordem do discurso*. Tradução: Laura Almeida. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- _____. Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao círculo de epistemologia. In: MOTTA, Manoel Barros da. *Ditos e escritos II*. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Tradução Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. Resposta a uma questão. In: _____. *Ditos e escritos VI*. Repensar a Política. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, Pedro (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 19-34.
- MARTINS, Fernando. Não é só o Sul! Nordeste, Norte e até Brasília também querem se separar do Brasil. *Gazeta do Povo*, Curitiba, s. p., 22 de agosto de 2017. Disponível em: <<<https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/nao-e-so-o-sul-nordeste-norte-e-ate-brasil-tambem-querem-se-separar-do-brasil-dl27j0iy69c1h73sj6lejk2o7/>>> Acessado em 10 de outubro de 2018.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005.
- SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Relações entre enunciado e arquivo na construção do discurso político. *Signótica Especial*, n. 2, p. 37-47, 2006.
- XAVIER, Renan Melo. Inconstitucionais, movimentos separatistas estão por todo o Brasil. *Poder 360*, Brasília, s. p., 16 de março de 2018. Disponível em: <<<https://www.poder360.com.br/brasil/inconstitucionais-movimentos-separatistas-estao-por-todo-o-brasil/>>>. Acessado em 10 de outubro de 2018.

‘Notas de fim’

1 Fonte: https://www.facebook.com/pg/FLNBR/posts/?ref=page_internal Acessado em 27 de agosto de 2018.

2 Fonte: <https://www.facebook.com/nacaosulista/?fref=ts> Acessado em 27 de agosto de 2018.

3 Fonte: <https://www.facebook.com/idealsulista/?ref=ts&fref=ts> Acessado em 27 de agosto de 2018.

4 Fonte: <http://www.sullivre.org/> Acessado em 27 de agosto de 2018.

5 O mesmo se pode dizer a respeito da bandeira americana, em que constam número de estrelas igual ao número de estados do país.

6 Fonte: <http://meusul.net.br/loja/> Acessado em 27 de novembro de 2016.

7 Estátua localizada em Laguna, Santa Catarina, em frente ao Museu Anitta Garibaldi.

8 Estátua localizada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

9 Fonte: <http://www.sullivre.org/cco-atualiza-cartilha-do-plebiscito-consultivo-2016/> Acessado em 27 de agosto de 2018.

10 Fonte: adaptado de <https://www.facebook.com/nacaosulista/?fref=ts> Acessado 27 de agosto de 2018

11 Fonte: adaptado de <https://www.facebook.com/idealsulista/?ref=ts&fref=ts> Acessado em 27 de agosto de 2018.

12 Fonte: <https://www.facebook.com/FLNBR/photos/a.248618491892927.64702.191647184256725/1178757102212390/?type=1&theater> Acessado em 27 de agosto de 2018.

13 Fonte: <http://www.sullivre.org/sul-novamente-discriminado-na-reparticao-de-recursos/> Acessado em 27 de agosto de 2018.

Submissão: 25 de abril de 2019.

Aceite: 18 de setembro de 2019.